



Denise Pereira  
Maristela Carneiro  
(Organizadoras)

# História: Diálogos Contemporâneos

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Denise Pereira**  
**Maristela Carneiro**  
(Organizadoras)

# **História: Diálogos Contemporâneos**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História: diálogos contemporâneos [recurso eletrônico] /  
Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta  
Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos  
Contemporâneos; v. 1)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-559-4  
DOI 10.22533/at.ed.594192308

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro,  
Maristela. III. Série.

CDD 900.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Maristela Carneiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
(RE)PENSANDO A CIBERCULTURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	
Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>23</b>
A COEXISTÊNCIA ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA. A ESCRITA BALZAQUIANA COMO PROJETO DE UMA HISTÓRIA DOS COSTUMES	
Ana Beatriz Morais de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>34</b>
A FEBRE AMARELA NO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, CIÊNCIA E LITERATURA	
Cláudia Santos Turco Eduardo Nazareth Paiva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
A FILOSOFIA E A FORMAÇÃO DO HOMEM CONSCIENTE DE SI: ANÁLISE DO O CONTRATO SOCIAL E DO EMÍLIO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU	
Edson de Sousa Brito Vanessa Aparecida Bernardes de Souza Tiago Carvalho Lombardi Tosta	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO	
Fernanda Moreira Silva Rabelo José Carlos Ferraz Hellayny Silva Godoy de Souza Ana Maria Franco Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>66</b>
A TRAJETÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL E A POLÍTICA DE RECONSTRUÇÃO DO JAPÃO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923086</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
DE IBICABA A SUPERAGUI: APROXIMAÇÕES ENTRE A IMIGRAÇÃO DEDICADA À GRANDE LAVOURA E A COLONIZAÇÃO HAVIDA NO PARANÁ	
Caiubi Martins Dysarz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923087</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>101</b>
AÇÕES POLÍTICAS DE PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA: MODERNIDADE E POLÍTICA EM GOIÁS (1930-1933)	
Ivo Monteiro de Queiroz Claitonei de Siqueira Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923088</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>115</b>
ANÁLISE ESPAÇO TEMPORAL DO CRESCIMENTO DA MANCHA URBANA DO BAIRRO COLINA DE LARANJEIRAS – SERRA/ES A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS GOOGLE EARTH	
Rubyana dos Santos Vieira Jordano Francesco Gagno de Brito Eliana Cassia Rocon Daiane Entringer Modesto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5941923089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>121</b>
BIOGRAFIA, METODOLOGIA, SENSIBILIDADES E PRÁTICA RELIGIOSA CATÓLICA EM MARINGÁ, NORTE DO PARANÁ (1969-2000)	
Marcia Regina de Oliveira Lupion Solange Ramos de Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.59419230810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>132</b>
CAMPESINATO NA DIOCESE DE GOIÁS: MEMÓRIAS DAS LUTAS E COM D. TOMÁS BALDUÍNO	
Valtuir Moreira da Silva Damiana Antonia Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.59419230811</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>144</b>
IGREJA CATÓLICA E A FORMAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS EM SANTA LUZIA D'OESTE/RO (1980-2017)	
Cátia Franciele Sanfelice de Paula Pâmela Kamila da Silva Gomes Andrea Gomes Veríssimo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.59419230812</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>157</b>
FÉ EVANGÉLICA E A AÇÃO POLÍTICA NA OBRA CINEMATOGRAFICA SELMA (2014): UMA VISÃO PROTESTANTE ACERCA DA LUTA PELOS DIREITOS CIVIS	
Vinícius Almeida Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.59419230813</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>166</b>
ILÊ OJU ODÉ: POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA E TERRITORIALIDADES NO CANDOMBLÉ DE GOIÁS	
Victor Hugo Basilio Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.59419230814	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>175</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>176</b>



## BIOGRAFIA, METODOLOGIA, SENSIBILIDADES E PRÁTICA RELIGIOSA CATÓLICA EM MARINGÁ, NORTE DO PARANÁ (1969-2000)

### **Marcia Regina de Oliveira Lupion**

(Universidade Estadual de Maringá, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História – Maringá-PR)

### **Solange Ramos de Andrade**

(Universidade Estadual de Maringá, Professora no Departamento de História, no ProfHistória e no Programa de Pós-Graduação em História – Maringá-PR)

**RESUMO:** Apresentamos neste artigo a metodologia sobre a qual serão criadas e analisadas as fontes orais utilizadas na pesquisa sobre a religiosidade católica maringaense sob os aportes da corrente historiográfica conhecida como História das Sensibilidades. Em fase inicial, a pesquisa não conta com extenso levantamento de informações junto às fontes, que serão, em sua maioria, fontes construídas a partir da oralidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religiosidade Católica; História das Sensibilidades; Metodologia; Biografia; Maringá-PR.

**ABSTRACT:** This article presents the research methodology of Maringá's catholic religiosity, using oral sources analysis under the historiographic current known as History of Sensitivities. In the initial phase, the research does not count on an extensive collection of

information from the sources, which will be mostly spoken.

**KEYWORDS:** Catholic Religiosity; History of Sensibilities; Methodology; Biography; Maringá-PR.

### **1 | A BIOGRAFIA E A MEMÓRIA: BERNARDO CNUUDE, PADRE**

Malan, figura folclórica em Maringá por caminhar pelas ruas anotando o nome de pessoas que desejam orações comemora em cinco de maio seu aniversário e, há vinte e cinco anos, costuma preparar dois bolos para a festividade. O duplo quitute se deve ao fato de que na data citada o conhecido Padre Bernardo Cnudde teria rezado por Malan para que este abandonasse o vício em bebidas alcóolicas e, tendo isso acontecido, o receptor da graça, ou podemos dizer milagre, teria passado a ver na data um novo nascimento, daí a comemoração com dois bolos: um para si e outro em agradecimento ao padre Bernardo (TRADICIONAL FESTA..., 2017).

O padre ou monsenhor Bernardo, já é falecido. Malan continua por aqui, mas, o fato envolvendo ambos revela um outro lado da religiosidade maringaense, algo totalmente diferente do que se costuma ouvir quando o

assunto é religião católica na cidade. O ocorrido com Malan e Bernardo torna visível uma religiosidade imaterial cujo registro ainda não foi realizado ou problematizado sobre o catolicismo maringense. Nesse artigo será apresentada a metodologia sobre a qual a peculiar prática religiosa do monsenhor Bernardo Cnudde, padre católico que atuou em Maringá, no norte paranaense, entre os anos de 1969 e 2000 será estudada.

A citada peculiaridade se deve ao fato de que na memória local, sobretudo a praticada pelos fiéis que o conheceram, conviveram e participaram de suas celebrações, existe uma narrativa na qual o pároco não somente celebrava os sacramentos comuns aos rituais católicos, mas também costuma realizar práticas exorcistas nos domínios da igreja e fora dela. A memória oficial, porém, não registra de forma tão efetiva tais práticas embora se saiba que havia conhecimento por parte dos superiores ao monsenhor da existência de tais atividades. Para verificar tais práticas estabeleceu-se como prioridade a documentação oral sem abrir mão de qualquer outro tipo de fonte que possa vir a colaborar com o tema.

Aportes teóricos comuns a estudos biográficos e pertinentes ao perscrutar de indícios e minúcias assim como o foco nas sensibilidades são relevantes para o trabalho que se pretende construir sobre Bernardo Cnudde. As balizas cronológicas datadas entre os anos de 1969 e 2000 foram escolhidas por permitirem uma visão panorâmica da experiência vivida pelo padre na Paróquia Divino Espírito Santo e da formação de um grupo de leigos cuja fé em Bernardo permanece após seu falecimento. Passamento que encerra o período da pesquisa enquanto a história da religião católica em Maringá continua sua trajetória.

## 2 | HISTÓRIA CULTURAL E HISTÓRIA DAS SENSIBILIDADES

Para além da ampliação já realizada pela Escola dos *Annales* no início do XX, a “virada cultural” ocorrida nos anos 1990 legitimou a possibilidade de realização de pesquisas em diversas temáticas e objetos sob o respaldo da História Cultural redescoberta, segundo Peter Burke (2008), em 1970 na Europa e nos Estados Unidos. Assim, a história cultural ao inserir na faina histórica outras dimensões do universo das sociedades como religião, os ritos, as vestimentas, o amor, o medo, etc., gera identidade entre o saber produzido na academia e a sociedade que a envolve.

Outra característica da história cultural é seu apreço pelo estilo de narrativa que deve estar focada na complexidade. Assim esse estilo é o mais apreciado pelos historiadores culturais é a narrativa fluida e sedutora marcada tanto pela exposição dos detalhes, pelo que foge ao convencional quanto pela busca do padrão. Afinal, o que se quer destacar é exatamente a complexidade das relações individuais e coletivas. E, como explicita Le Breton (1999), afetividade e emoções são social e culturalmente construídas e dentro desse campo devem ser estudadas.

A História Cultural então, aponta para uma nova escrita da história. Mais ampla e certamente menos seletiva. Por isso uma linha de pesquisa que tem por foco as emoções humanas e suas sensibilidades resulta exatamente da amplitude de abordagens permitida por aquela foi considerada o modelo ideal para fundamentar a presente pesquisa.

## 2.1 História das Sensibilidades

A História das Sensibilidades tem sua consolidação como área específica do conhecimento ainda com seu paradigma fundador, a história das mentalidades e também a história das representações. Frédérique Langue, historiadora francesa traça o perfil da história das sensibilidades na obra *História e sensibilidade* lançada em 2006 e vê nessa corrente historiográfica uma possibilidade de “balizamento a partir do ‘não-dito da história’, na fronteira – para não dizer à margem e à sombra – da disciplina histórica impregnado de emoções e paixões na esfera de um cotidiano distante do dia-a-dia elites governantes” (2008, p. 22).

Não se nega que as sensibilidades sejam difíceis de capturar haja vista toda a alteridade envolvida e para superar essa dificuldade é necessário que se estabeleça a temática específica, o grupo ou os indivíduos envolvidos, o fato catártico (caso exista) e principalmente a temporalidade a que se refere a pesquisa. Sentir os homens e as mulheres de outra época é um trabalho que precisa reconhecer as experiências desse outro momento. Experiências essas marcadas pelas subjetividades comuns a cada momento histórico de cada grupo específico.

Captar detalhes, sobretudo em obras já existentes sobre o tema é essencial nesse processo de construção de evidências ligadas ao registro das sensibilidades e é a historiadora gaúcha Sandra Jatahy Pesavento quem sugere que o resgate do sensível ou das práticas culturais deve ser feito “através das marcas que deixaram nos materiais de arquivo, nas artes, na literatura” (PESAVENTO, 2007, p. 15) sempre precedido de um questionamento pois “mesmo nos documentos oficiais [...] é possível encontrar traços da alma, traços do mundo sensível de uma outra época” (PESAVENTO, 2007, p. 15) e, no caso da pesquisa com o monsenhor, traçar o perfil dessa religiosidade e que o tornou uma figura emblemática para muitos fiéis católicos de Maringá e região a partir da memória oral.

## 3 | FONTES ORAIS E SUA METODOLOGIA

Como visto até aqui será no campo das subjetividades, da imaterialidade, da emoção, da sensibilidade que se constituirá o objeto da pesquisa, ou seja, as experiências humanas serão o destaque. Construir fontes a partir da oralidade é essencial nesse processo posto que se tais documentos são ricos em informações por revelarem as múltiplas facetas de um processo histórico e por conectarem o

entrelaçamento entre as individualidades as coletividades que se manifestam na cultura e sociedade. Registra-se que além das fontes orais, uma ampla busca na internet de dados sobre o padre foi realizada ainda durante as primeiras incursões para conhecer o objeto pesquisado. O surgimento de fontes desconhecidas e sob qualquer suporte serão objeto de análise e posterior uso ou descarte conforme a relevância. É conveniente esclarecer que visitas a Centros Espíritas e outras denominações religiosas se deve à estreita ligação entre essas instituições e o Padre Bernardo Cnudde dada sua especificidade, nem sempre exposta, de praticar o exorcismo. Ação quase sempre citada com gestos marcados pelo segredo como se tais atos não devessem ser citados em voz alta, talvez exatamente o “maior” não-dito dito, dessa história.

Construir uma fonte oral, contudo, demanda mais do que a identificação de possíveis depoentes. Para a produção deste tipo de material existe toda uma logística específica que envolve um saber técnico, um saber teórico e um saber legal. Trabalhar com a construção de documentos orais embora seja uma técnica utilizada desde o início do XX como se verá a seguir não resulta apenas em definir quem será entrevistado ou a forma como a narrativa presente nos depoimentos será analisada. No Brasil a Resolução nº 466 baixada pelo Ministério da Saúde em 12 de Dezembro de 2012 estabeleceu, dentre outras prerrogativas, que cabe ao pesquisador elaborar um projeto cuja execução necessita de aprovação do CEP/CONEP, respectivamente Comitês de Ética em Pesquisa e Comissão Nacional de Ética e Pesquisa quando a pesquisa envolve seres humanos e em 2016, a Resolução n. 510 verticalizou as pesquisas da área de ciências humanas e sociais por considerar esse campo com especificidades próprias e, portanto, com critérios definidores diferentes da área da saúde por exemplo. O rigor com que as pesquisas com seres humanos vêm sendo tratadas desde 2012 no Brasil nos levou a considerar o trabalho com as fontes orais a partir das três dimensões citadas acima, ou seja, a técnica, a legal e a teórica para desenvolver o trabalho com o monsenhor e seu grupo. Iniciemos historicizando a técnica.

### 3.1 A História Oral como técnica

Diversos autores são criteriosos em postular o rigor acerca da técnica de construção de fontes orais, mas, o importante é que todos também são unânimes em definir História Oral como mais do que uma técnica. Dentre esses podemos citar os historiadores Paul Thompson e Carlos Sebe Bom Meihy, britânico e brasileiro respectivamente. De acordo com Paul Thompson e sua célebre obra *A voz do passado*, a história oral é, além de um método, “uma história construída em tomo de pessoas [e] propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história” (1998, p. 44).

José Carlos Sebe Bom Meihy compartilha com Thompson no que concerne aos aspectos subjetivos e o sentido social do trabalho com a oralidade, e, em seu Manual de História Oral publicado em 1998 define que o trabalho com História Oral se divide em três categorias: História de Vida, História Temática e Tradições Oraís. Enquanto as duas últimas são formas de trabalhar com a oralidade caracterizando grupos ou espaços específicos – história local ou de comunidades no caso da História temática e, sociedades tradicionais no caso das Tradições Oraís – a História de Vida se caracterizaria por ser uma técnica que objetiva colher relatos de pessoas cujas memórias retomem um passado coletivo, porém, na singularidade do particular e como auto representação (1998, p. 14). Entretanto, embora Bom Meihy defina na paráfrase acima a história oral como uma técnica de fato o autor demonstra a impossibilidade de uma definição unívoca em relação às fontes orais.

Assim, é possível encontrar discussões acerca das diversas definições para a construção e análise dos documentos orais que os conceituam como um método, uma técnica, uma ferramenta, uma disciplina, uma narrativa, um gênero, um discurso. Ou seja, a História Oral é multifacetada e multidisciplinar e tem nesse aspecto sua riqueza e relevância, características que podem ser compreendidas também a partir dos estudos de Verena Alberti, historiadora e pesquisadora do CPDOC cuja atuação no mundo da oralidade é notória. Conta a historiadora que a História Oral surgiu em meados no século XX, mais especificamente 1948 atrelada à invenção do gravador a fita e seria:

[...] uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido (ALBERTI, 2008, p. 155).

Bom Meihy e Thompson historicizam a História Oral para além da invenção do gravador e da fita K7 e mesmo do uso do computador uma vez que a internet ainda não havia se popularizado em fins dos anos 1990 quando as obras citadas foram escritas. Para demonstrar sua teoria acerca do uso da oralidade como fonte de pesquisa Thompson cita a obra História da Revolução Francesa, publicada em fins do XIX por Jules Michelet como um trabalho que foi produzido com dados coletados também a partir da experiência de pessoas que participaram daquele evento e Bom Meihy vai ainda mais longe identificando as raízes da história oral ainda na Antiguidade Clássica. Registre-se, no entanto, que Bom Meihy conceitua a história oral praticada após o emprego da tecnologia como a “moderna história oral” em contraposição a Tradição, sendo esta última a definição para os testemunhos ou para a história que se caracterizava pela narrativa oral sem registro escrito sendo possível incluir nessa categoria tanto a história praticada pelos *griots* africanos quanto a história praticada

por Heródoto.

A definição acima dada por Verena Alberti é bastante técnica, mas, de fato, explicita o que vem a ser uma fonte oral, isto é, o uso acadêmico ou não de relatos de pessoas cuja experiência vivida em determinado momento ou evento torna-se fonte histórica podendo ser utilizada também para outros fins, como documentários, construção de biografias ou filmes por exemplo.

Mediada por critérios bastante rígidos, a construção de fontes atualmente não demanda que as entrevistas em áudio ou vídeo sejam transcritas resultando num documento escrito uma vez que no presente a História Oral alcançou estatuto equivalente às demais fontes históricas sobretudo a partir das proposições da Escola dos Annales. Lembra Karnal e Tatsch que no início do século XX houve um estímulo à ampliação dos objetos históricos como era desejo de Marc Bloch e, que com essa ampliação também o conceito de fontes históricas sofre uma alteração substancial quando estatuto de documento histórico passa a ser compreendido como relativo a tudo que contivesse a possibilidade de vislumbrar a ação humana (KARNAL; TATSCH, 2009, p. 15). E, nessa perspectiva, as fontes construídas a partir da oralidade garantem sua legitimidade como produtora de informações e como forma de registro de memórias individuais e coletivas cujo uso para fins de pesquisa pode ser exclusivo ou atrelado a outras fontes.

Serão feitas ainda, incursões ao cemitério municipal de Maringá com o objetivo de perceber a incidência de visitas ao túmulo do padre tanto em dias comuns quanto em datas comemorativas como finados e aniversário de morte do monsenhor. Ocasões nas quais se pretende identificar possíveis depoentes e então formar de grupos de amostragem quando então as entrevistas serão efetivadas. Parte dessa estratégia de levantamentos já foi realizada quando se verificou que é possível organizar os fiéis em quatro grupos sendo, fiéis da paróquia Espírito Santo cujo contato com o padre foi mais intenso; participantes da RCC quando da sua fundação; pessoas que acreditam ter recebido graças após pedirem a intercessão do padre e frequentadores do cemitério. Nesse último grupo se entrelaçam fiéis que conheceram ou não padre além de famílias que trazem filhos ou netos ainda crianças e apresentam a elas o monsenhor com uma breve biografia do mesmo.

É importante registrar que a coleta de entrevistas ainda não foi iniciada tendo em vista a necessidade de o projeto ser aprovado pelo CEP/CONEP que na Universidade Estadual de Maringá é representado pelo COPEP, o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, instituição a qual a pesquisa está vinculada. Esse tema será melhor elaborado no próximo subtópico, por hora, registra-se que o levantamento de dados se dará no formato de questionários abertos e fechados e com entrevistas temáticas cujo foco será a experiência dos integrantes dos grupos de amostragem com o padre. Informações quantitativas podem vir a tornar-se gráficos cujos dados estatísticos serviriam para demonstrar o alcance da população em relação ao fato de conhecerem o padre e parte de sua biografia e prática peculiar.

As entrevistas abertas serão gravadas por meio da câmera fotográfica e filmadora da marca Sony material tecnológico que permite o registro simultâneo em áudio e vídeo do depoente. Verifica-se que as entrevistas juntamente com as técnicas de gravação audiovisual e os questionários foram os métodos escolhidos para a construção das fontes orais e a busca de informações acerca da religiosidade católica maringaense no período em que Bernardo por aqui esteve.

Feitos esses esclarecimentos, a construção e análise das entrevistas deverá seguir o proposto por pesquisadores da área cujas experiências com a oralidade resultaram num extenso e minucioso trabalho sobre como construir e avaliar as fontes orais notadamente em relação a elaboração de um projeto que, segundo Meihy e Holanda,

[...] é o instrumento norteador que ajuda a planejar o trabalho de pesquisa, delineando a proposta a ser desenvolvida, a justificativa/fundamentação, os meios operacionais, a questão da forma e a evidência dos objetivos por meio de hipóteses de trabalho (MEIHEY; HOLANDA, 2017, p. 42).

Um dos elementos mais expressivos do projeto é o estabelecimento do questionário ao qual serão submetidos os memorialistas, mas, além de estabelecer o questionário, outros passos devem ser seguidos no que diz respeito às entrevistas. Sebe Bom Meihy (1998) sugere que uma entrevista siga os seguintes passos: em primeiro lugar, uma pré-entrevista, momento no qual o pesquisador entra em contato com o entrevistado e prepara a entrevista denominada pré-entrevista. Em seguida viria a entrevista propriamente dita e na sequência uma pós-entrevista para só então partir para a registro escrito do depoimento.

Um outro ponto a ser observado quando se organiza o trabalho com as entrevistas é a influência que estar na presença de uma câmera ou gravador pode ter sobre o entrevistado. Dessa forma, realizar mais de uma entrevista torna possível ao depoente sentir-se menos intimidado frente ao material tecnológico ou ao caderno de anotações do pesquisador. Portelli (2001, p. 24) chama a atenção para a necessidade de mais de uma entrevista ao descrever o caso em que coletou um testemunho marcado pela informalidade junto a um pedreiro que, vinte anos após tornou-se prefeito numa cidade do interior italiano.

Conta o historiador que na primeira entrevista o então pedreiro não apresentava a mesma linguagem corporal e expressões faciais que utilizava como prefeito já que nessa segunda ocasião havia uma consciência de si por parte do ex-pedreiro que agora precisava transmitir confiança e convencer seus interlocutores dado o cargo que ocupava. É sempre interessante observar a experiência de outros pesquisadores da oralidade e com elas aprender, contudo, é essencial ao pesquisador aprender com suas próprias experiências e verificar as variáveis presentes nos depoimentos é tarefa que nos incumbimos na pesquisa sobre Bernardo.

Definidos tema e questionário, o passo seguinte será a avaliação da narrativa

presente nas entrevistas cujos critérios norteadores serão dados pela socióloga alemã Gabriele Rosenthal e o historiador italiano Alessandro Portelli discutidos no subtópico 3.3. Sigamos descrevendo a produção e o registro legal das fontes orais.

### 3.2 O registro legal dos documentos orais

O ano de 2012 marca um momento de inflexão acerca do uso de seres humanos em pesquisas de cunho científico por meio da Resolução n. 466 no Brasil. Desenvolvida tanto para o âmbito da saúde quanto das ciências humanas e sociais, a Resolução preza pela dignidade humana e pela proteção aos participantes em pesquisas científicas e não é uma prerrogativa iniciada em terras brasileiras. Buscando manter a integridade dos depoentes, o disposto na Resolução brasileira remonta à Resolução n. 196/1996 que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e que por sua vez foi criada considerando diversos organismos internacionais criados no pós-Segunda Guerra Mundial, sendo um de seus marcos referenciais o Código de Nuremberg (1947) considerado o primeiro documento a enfatizar a necessidade do consentimento do indivíduo para fins de pesquisa científica. Segundo o Editorial da Revista Educação e Sociedade:

[...] historicamente, tem-se criado consensos em torno da necessidade de estabelecer normas que regulamentem a relação pesquisador/pesquisado mediante procedimentos que possam causar constrangimentos ou mesmo ferir, direta ou indiretamente, a dignidade de pessoas ou comunidades investigadas (REVISÃO, 2018).

Assim, o que se tem é que o uso da oralidade em pesquisas científicas extrapola o simples trabalho de encontrar e entrevistar pessoas cujas experiências sobre um determinado fato sejam do interesse do pesquisador. O trabalho com fontes orais demanda um caráter ético que deve ser observado assim que a pesquisa se inicia e, no caso das Ciências Humanas e Sociais, a Resolução n. 510/2016 trouxe especificidades ainda mais singulares para o trabalho com seres humanos quando considera

[...] que as Ciências Humanas e Sociais têm especificidades nas suas concepções e práticas de pesquisa, na medida em que nelas prevalece uma acepção pluralista de ciência da qual decorre a adoção de múltiplas perspectivas teórico-metodológicas, bem como lidam com atribuições de significado, práticas e representações, sem intervenção direta no corpo humano, com natureza e grau de risco específico (RES. N. 510/2016).

A Resolução n. 510/2016 se constitui num documento com oito páginas, oito capítulos e 34 artigos nos quais as diretrizes para o trabalho de pesquisa realizado na área de Ciências humanas e sociais está disposto. Estão lá definidos os papéis relativos à participação do CNE/CONEP; das Instituições às quais a pesquisa está vinculada; dos pesquisadores responsáveis pela pesquisa. Define ainda em parágrafo



único pesquisas que não serão registradas nem avaliadas pelos dois órgãos citados acima.

Nesse quesito registram-se oito tipos de pesquisa e uma atividade cujo desenvolvimento não será objeto de avaliação e registro por parte dos Comitês. Trabalhos de Conclusão de Curso, monografias e similares não se enquadram nessa categoria e serão objeto de análise e registro. A Resolução n. 510/16 trata ainda dos termos e suas definições, princípios éticos, processo de consentimento e assentamento livre e esclarecido por parte do participante da pesquisa, dos riscos que o participante possa correr e suas precauções e das atribuições do CEP/CONEP. Trata ainda das responsabilidades do pesquisador responsável e das disposições transitórias relativas ao procedimento adotado pelos Comitês acerca do registro da pesquisa/pesquisador responsável que deverão, no caso das Ciências Sociais, serem registrados também na Plataforma Brasil, um sistema eletrônico criado pelo Governo Federal para sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos nos Comitês de Ética em todo o país.

No caso da Universidade Estadual de Maringá o recebimento de projetos de pesquisa envolvendo seres humanos nas áreas de Ciências Humanas e da Saúde é feito em datas previamente estabelecidas pelo COPEP, Comitê Permanente de Ética em Pesquisa, e a presente pesquisa está agendada para ser avaliada e registrada por esse órgão de acordo com o calendário e as normas propostas tanto pelas Resoluções, sobretudo a n. 466/2012, quanto pelos critérios do Comitê.

### **3.3 Os aportes teóricos do trabalho com os relatos orais**

Muito tempo decorreu desde 1948 quando os gravadores possibilitaram o registro sonoro das memórias e, mais do que simplesmente utilizar as informações oriundas da oralidade, os pesquisadores se deram conta de que cada narrativa era constituída a partir de singularidades e assim, a História Oral estabeleceu também como um de seus critérios a análise do discurso presente nos relatos, ou seja, verificou-se que o caráter subjetivo presentes no documento oral devia ser considerado quando do seu uso. Dessa forma, observamos que uma técnica não abrange a complexidade que acompanha esse tipo de documento. Complexidade essa que foi definida por Alessandro Portelli como sendo um discurso dialógico no qual se entrelaçam o entrevistador, o entrevistado e o material final como sendo produto de ambos (PORTELLI, 2001, p. 10). Assim, o documento oral extrapola o simples relato de experiências e torna-se o resultado de um produto mediado pelo encontro entre entrevistador que houve e o entrevistado que conta.

Mas, este é apenas um dos pontos a serem considerados numa entrevista. Esse método deve passar ainda por outros crivos avaliativos como questões gramaticais e a definição da identidade sob a qual o depoente se coloca. Fica ainda o registro que, não obstante o estatuto alcançado pelas fontes orais ser o mesmo que das

escritas, imagéticas e audiovisuais, é válido que informações presentes nos relatos devem ser objeto de confronto com outros documentos não no sentido de validá-las a partir dos últimos, mas como uma forma de verificar em que medida o depoimento revela, confronta, inova ou mesmo “inventa” novos dados por vezes com interesse de agradar o entrevistador. Uma forma de evitar esse tipo de “ajuda” é realizar mais de uma entrevista e comparar as informações.

Com relação às questões gramaticais, o crivo da avaliação deve compreender a análise dos pronomes e tempos verbais utilizados e, sobretudo, o tempo e o espaço presente na narrativa. Aliado a esse escrutínio gramatical, a socióloga Gabriele Rosenthal considera essencial que os papéis sociais nos quais o entrevistado se auto reconhece também sejam definidos assim como seus pontos de vista e códigos de ética. O levantamento dos pronomes pessoais “eu” e “nós” por exemplo, é essencial para estabelecer se o entrevistado se posiciona como sujeito ou objeto perante os fatos experienciados ou como observa Rosenthal, verificar “a ordem da inter-relação primordial do ‘mundo’ e do ‘eu’” apresentada pelo mesmo (ROSENTHAL, 2001, p. 196). E, ao verificar-se essa ordem é essencial ao pesquisador que compreenda que há na narrativa uma linearidade que lhe é própria e que é dada pelo depoente. Perder de vista essa linearidade e analisar somente partes do depoimento é, segundo Rosenthal, “rigorosamente proibido” sob pena de perder a *gestalt* ou identidade do depoente que se revela, por exemplo, na incidência dos pronomes pessoais citados acima.

Contudo, há que se refletir sobre o fato de que um indivíduo pode apresentar mais de uma identidade. Não se questiona o fato de que em alguns casos, uma dessas identidades aflore com mais intensidade em alguns momentos e menos em outros. Mas, deve-se ter em mente que quando o pesquisador chega para entrevistar um provável depoente ele apresenta as razões de sua vinda, ou seja, o pesquisador, ao esclarecer o porquê daquela entrevista e para qual fim ela será utilizada, de certa forma, já está induzindo o depoente a adotar um tipo de posicionamento – ou “identidade” – que ele acha que seja coerente com o pretendido pelo historiador. Todos esses passos criteriosos têm, por objetivo dar forma, ou construir, uma figura na qual se vislumbre o rosto do entrevistado dimensionando como ele próprio se posiciona perante a vida.

Como os depoimentos ainda não foram coletados, é impossível fazer uma descrição apurada das condições sob as quais as fontes foram criadas. Resta-nos, por hora, estudar as teorias e metodologias propostas e, após resolvidas as questões legais, colocá-las em prática e descobrir os rostos dos depoentes, sua identidade perante o evento e o mundo, e por meio dessas informações, dos ditos e não-ditos e escrever um capítulo acerca da religiosidade católica maringense.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. História Oral: histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.
- BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 196, DE 10 DE OUTUBRO DE 1996. Brasília, DF, out 1996. Disponível em <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196\\_10\\_10\\_1996.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html)>. Acesso em: 03 jan. 2018.
- BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Brasília, DF, dez 2012. Disponível em <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196\\_10\\_10\\_1996.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html)>. Acesso em: 03 jan. 2018.
- BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 510/2016, DE 07 DE ABRIL DE 2016. Brasília, DF, abr 2016. Disponível em <<http://www.anped.org.br/news/nova-resolucao-5102016-de-etica-na-pesquisa>>. Acesso em: 03 jan. 2018.
- BURKE, P. **O que é história cultural?** 2. ed. Rev. Ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Primeira edição 2004).
- GRUPO FILHOS DE SIÃO. Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/filhosdesiao/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/filhosdesiao/about/?ref=page_internal)> Acesso em: 19 dez. 2017.
- KARNAL, Leandro.; TATSCH, Flávia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-28.
- LANGUE, Frederique. O sussurro do tempo: ensaios sobre a história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In: ERTZOGUE, M. H.; PARENTE, T. G. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 21-34.
- LE BRETON, David. **Las pasiones ordinarias**. Antropologia de las emociones. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1999.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2017.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatay. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, S. J.; LANGUE, F. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 15.
- PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 22. j. 2001. p. 9-36.
- REVISÃO ÉTICA NA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v36n133/1678-4626-es-36-133-00857.pdf>> Acesso em: 03 jan. 2018.
- ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e suas conseqüências metodologias. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 196.
- SITTON, Thad; MEHAFFY, George. L. e DAVIS Jr., Ozroluke. L. **Historia Oral: una guía para profesores (y otras personas)**. México: F.C.E., 1993. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/364895987/Varios-Historia-Oral-Una-Guia-Para-Profesores-Y-Otras-Personas>>. Acesso em: 04 jan. 2018.
- Tradicional festa do Malan aconteceu depois de ser proibida em salão paroquial. Disponível em <<http://www.carlaomaringa.com.br/2015/05/tradicional-festa-do-malan-aconteceu.html>> Acesso em: 24 jan. 2017.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Denise Pereira** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

**Maristela Carneiro** - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alegoria da caverna

Análise espaço

### C

Cibercultura

Ciências política

Ciências sociais

Colonização

### D

Direitos civis territorialidades

### E

Ensino de história

Exponere

### F

Feminismo

Filosofia

Fontes documentais

Formação do homem

### H

Historiografia

História dos costumes

História intelectual

Historiografia

### I

Igreja católica

Imigração

### L

Literatura

Lutas

### M

Meio ambiente

Memória

Micro-história

## **O**

Organizações sociais

## **P**

Política

Populismo

Protestante

## **R**

Relações de trabalho

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-559-4

